

RESENHAS

MEMÓRIA E BRINCADEIRAS NA CIDADE DE SÃO PAULO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

M. ALICE S.S. SILVA, M. ALICE L. GARCIA
E SÔNIA C.M. FERRARI

São Paulo, CENPEC/Cortez, 1989

Se você tem mais de 30 anos, mora numa metrópole, nunca sabe se vai ter dinheiro para a mensalidade da escola particular ou luta com unhas e dentes por uma vaga na pré-escola pública para que seus filhos e filhas possam não só aprender, mas também brincar em segurança, *Memória e Brincadeiras* pode ser uma leitura indispensável.

O livro é resultado das pesquisas de M. Alice Silva, M. Alice Garcia e Sônia Ferrari, que procuram reconstituir a infância na cidade de São Paulo entre 1900 e 1950. Para tanto, entrevistaram e coletaram as memórias de sete mulheres e dois homens e as analisaram sob o ponto de vista do significado da infância nos diferentes momentos históricos, e da importância da memória coletiva e individual na compreensão dos processos sociais.

No Brasil, os resgates da memória para a compreensão das relações humanas têm sido, em grande parte, inspirados, teórica e metodologicamente, pelo estudo, sempre atual e instigante, do significado do trabalho nas memórias de velhos, realizado por Ecléa Bosí. Ecléa destacava em sua pesquisa a importância de uma comunidade de destinos existente entre pesquisador e pesquisados: o envelhecimento, que todos nós viveremos; e o trabalho, ação humana com a qual a vida se confunde. Seguindo esta trilha fecunda, que tem, ao lado de sua importância acadêmica, propiciado momentos emocionantes e emocionados de identidade entre leitor e narrador das memórias, as autoras de *Memória e Brincadeiras* partem de uma outra ponta do nosso destino comum: a infância, que todos vivemos; e a brincadeira, quando ensaiamos as relações sócio-culturais que nos norteiam até a velhice, seja para reproduzi-las como então aprendemos, seja para transformá-las e lhes dar novo conteúdo e significado.

As pesquisadoras destacam, primeiramente, a importância de se compreender o significado de infância não apenas como uma faixa etária. A infância, assim como a adolescência, a juventude, a maturidade e a velhice, tem se constituído ao longo da história como um tempo de vida cujo significado vai sendo transformado a partir das rela-

ções sociais, políticas e econômicas vividas pelas sucessivas gerações. Assim, ser criança no século XIII, quando as relações de produção são baseadas nos núcleos familiares, quando estas mesmas relações estabelecem uma certa equivalência nas atividades de homens, mulheres e crianças, quando as práticas e a convivência cotidiana não são definidas rigidamente pelos limites entre público e privado, é algo muito distinto de ser criança nos primórdios do século XX, que é muito distinto de ser criança às vésperas do século XXI. Estas distinções não se dão apenas pelas mudanças nas bases materiais de vida, mas e principalmente, pela forma como ocorrem a vida familiar e as relações afetivas entre adultos e crianças. Se estas eram vistas, entre os séculos XIII a XVIII, como pouco mais do que um adulto em miniatura, a partir dos meados do século XVIII vão, pouco a pouco, se diferenciando e saindo da condição de miniatura para a de ser humano em formação, passando a merecer uma atenção que, em outros tempos, não lhes era destinada.

Para isto, segundo as autoras, contribuem as transformações sociais. O capitalismo nascente vai estabelecer mudanças cruciais no sistema doméstico de produção, separando casa e trabalho em universos distintos. A exploração da mão-de-obra vai gerar uma preocupação com a saúde da criança — um trabalhador em potencial (quando não em ato) — e a mentalidade higienista, alimentada pelas descobertas científicas, vai corroborar o esforço moralizante da Igreja. A educação, antes destinada a certa parcela da sociedade, vai estender-se à população e tornar-se um elemento de integração da família e da sociedade como um todo, nesta nova mentalidade que se instala.

Face a este quadro, uma atividade marcadamente infantil — a brincadeira e seus objetos, os brinquedos — vai acompanhando estas transformações sociais. Assim como parece ter sido indistinta a condição de adulto e de criança nos cinco séculos que antecedem a visão contemporânea da infância, também as brincadeiras foram indistintamente praticadas por adultos e crianças, neste período. A brincadeira coletiva, as festas, as encenações populares eram momentos de convívio indiscriminado entre homens, mulheres e crianças, e estas ocupavam um lugar assegurado pela tradição e pela cultura. Também para nobres e fidalgos o brinquedo e a brincadeira não eram objetos ou

práticas apenas infantis; eram parte da vida cotidiana, que adultos e crianças compartilhavam com igual prazer e entusiasmo.

As mesmas mudanças, que ressignificam a infância a partir do século XVIII, dão nova configuração ao brinquedo (principalmente a partir do século XIX) e este passa a ser destinado à infância, produzido em massa e igualmente consumido após o advento do capitalismo, perdendo, assim, os laços entre o fazer — do qual a criança também participava, e o utilizar — o que a criança faz, hoje, instada pelas leis de consumo.

Na visão das autoras, o brincar tem ainda uma face psicológica importante na formação da identidade individual e social, uma função simbólica que proporciona à criança atribuir significados pessoais às relações sociais e, através destes significados, situar-se face a estas relações. O ato de brincar, cuja característica mais evidente é a repetição, propicia à criança retomar, a cada geração, os elementos tradicionais de sua cultura e inserir-se na história coletiva da humanidade.

Recuperar, através das memórias das pessoas entrevistadas, estas dimensões sociais e psicológicas do brincar, é a tarefa a que se dedicam as pesquisadoras, atribuindo à memória, enquanto narrativa das experiências vividas, o papel de recontar uma história recente pela ótica de seus atores.

Um narrador de memórias conta sempre as mesmas histórias (suas vivências passadas) e, repetindo-as, transforma-as em experiências. A diferença entre vivência e experiência está em que, ao contar o fato vivido no passado, o narrador o coloca face às condições do presente. Não apenas do seu presente, mas do presente dos que o ouvem ou lêem. Ao colocar suas lembranças como passado cujo significado está no presente, oferece a seu ouvinte ou leitor a possibilidade de projetar o futuro.

Exaustivamente repetidas, a quem as queira ouvir, as memórias se constituem em uma narrativa histórica, que proporcionam, a todos que delas se aproximem, a oportunidade de se localizarem no tempo e no espaço como construtores ativos das mudanças sociais e de pensarem os passos futuros. Uma sociedade sem memória, sem seu passado, compreende mal seu presente e não vislumbra o futuro. Pois na concepção de Agnes Heller — que, com Walter Benjamin, embasa teoricamente a discussão das

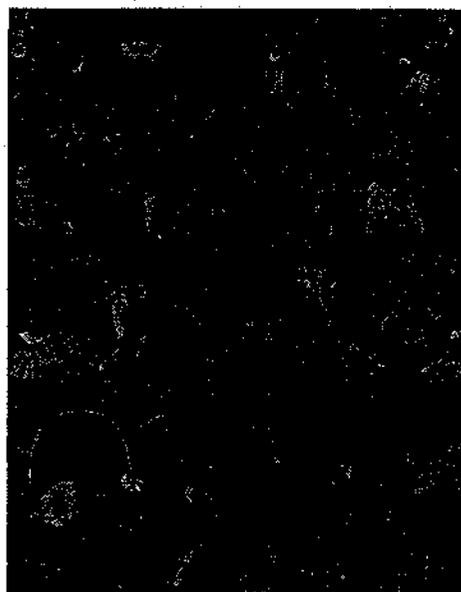
autoras sobre o tempo, o narrar e a história — passado, presente e futuro são divisões para um tempo sem tempo: o agora. "O passado se encontra no presente a partir das experiências vividas, o presente se encontra no passado enquanto possibilidade, e o futuro é o que pode ser a partir do que vivemos" (p. 42).

Colocado deste modo, ler memórias é menos um ato nostálgico de lembrar o que passou e mais um exercício de reflexão sobre o presente, com vistas ao futuro. É ainda a

MEMÓRIA E BRINCADEIRAS

na Cidade de São Paulo
nas primeiras décadas do século XX

M. ALICE SETÚBAL S. E SILVA
M. ALICE LIMA GARCIA
SÔNIA C. MIGUEL FERRARI



oportunidade de recuperação de uma identidade social e cultural que nos faz apreciar com novos olhos a trajetória da humanidade, as transformações e os impasses dos vários momentos históricos e daquele em que vivemos.

Na segunda parte de *Memória e Brincadeiras* encontramos os relatos. São histórias de homens e mulheres que têm hoje entre 40 e 80 anos, nasceram e viveram na cidade de São Paulo e passaram, na infância, pelo processo de industrialização e suas conseqüências sociais, políticas, econômicas e culturais.

São Paulo é mostrada através das lembranças destas pessoas, mas, como tem ocorrido com feliz freqüência em estudos desta natureza, também por fontes tão variadas como o arquivo iconográfico da cidade, as cartas de poetas como Mário de Andrade, as crônicas dos jornais, a literatura da época. Entretanto, é na fala dos entrevistados, comentada pelas autoras, que encontramos o panorama da época.

As brincadeiras e festas de rua, as sessões privadas de histórias narradas pelos pais, pelas mães e pelas empregadas, os passeios, os cursos carnavalescos, as procissões, os bolinhos assados no forno de barro (verdadeiras *madeleines* redivivas cheirando a alecrim), um mundo envolvido por uma cidade que, em quarenta anos, transforma-se veloz e ferozmente, tornando-se, na década de 50, a "cidade que mais cresce no mundo", para logo tornar-se uma cidade insonô — "São Paulo que não sabe adormecer".

Mas não foi sempre só a poluição, a expansão desordenada, a falta de árvores e flores, as ruas congestionadas de carros, a alma angustiada de medo. Já foi cidade das serestas, de bosques que tinham o nome de Saúde, de um parque da Luz, de espaços para se transitar, rio passo lento dos que têm tempo e o fruem com prazer, ruas cujo rumor não era o do rugido rouco das madrugadas.

A partir da década de 40, em conseqüência de um pós-guerra que prepara as bases para a industrialização contemporânea, cujos primeiros passos foram dados já nas décadas de 20 e 30, as mudanças na São Paulo pacata e calma aceleram-se e, nos anos 50, na comemoração de seu quarto centenário, já tem traços marcantes do que seria em 1989.

Mesclando os dados desta história oficial recente com os da história vivida pelas pessoas entrevistadas, as pes-

quisadoras vão fornecendo um quadro amplo das transformações porque passam as gerações e as instituições.

Com a sensibilidade aguçada por esta forma de narrar a história — a partir de seus atores anônimos — as autoras captam as diversidades de experiências de homens e mulheres, ricos e pobres, crianças e adultos, nesta cidade em transformação, cujo significado, distinto pelas diferentes posições sociais e culturais de uns e outros, desenha um painel da infância aqui vivida tão rico quanto variado.

Neste painel, os brinquedos e brincadeiras ganham tanto a dimensão dos elementos simbólicos que contêm quanto a expressão de um modo de vida num dado momento histórico. E deve-se registrar a semelhança que as autoras encontram, com muita propriedade, entre a brincadeira de esconder e o ato de lembrar o que estava esquecido. Primeiramente é necessário estar escondido (esquecido), para depois revelar-se (ser lembrado) e ganhar uma nova dimensão: ser o que procura (buscar, no passado, um significado no presente).

Apesar dos riscos que se corre ao trabalhar com memórias, as autoras não atendem a apelos nostálgicos aos quais somos levados se não podemos (e raramente podemos) abarcar as condições concretas de se viver num tempo que, na memória, foi sempre "melhor". Entretanto, um risco parece não ter sido evitado e tem pautado com freqüência trabalhos que se preocupam em recuperar a transição das sociedades para o capitalismo. Trata-se, neste caso, de uma certa "nostalgia" da condição de vida de homens, mulheres e crianças sob outros regimes econômicos e sob outras formas de relações sociais. Se o capitalismo, pela exploração desumana, propiciou condições absolutamente inaceitáveis de vida para a população trabalhadora, com desigualdades imensas entre crianças pobres e ricas, sob os regimes que o antecederam, as condições de higiene, os avanços científicos e as relações sociais e afetivas mais amplas e indiferenciadas não propiciaram saúde e maior sobrevivência infantil. Não ofereceram, portanto, a números alarmantes de crianças a oportunidade de usufruir deste universo que, a longa distância, parece quase idílico. O foco centrado no capitalismo, mesmo sendo ele o referencial sócio-econômico do tempo presente, deixa inexplorada uma história trágica da infância em

outros contextos, a qual pode nos oferecer novos elementos para compreender os motivos que orientam os sentimentos contemporâneos da infância.

Do mesmo modo ficam inexploradas outras relações presentes na sociedade capitalista. As autoras, cientes da diversidade de experiências e significados que a infância possui para pessoas de classe e sexo diferentes, propiciam indicações de leitura sobre, por exemplo, diferentes utilizações dos espaços para homens e mulheres e diferentes utilizações do tempo por mulheres operárias e de classe média; entretanto, não nos propiciam um aprofundamento das diferentes relações existentes entre pais e mães com seus filhos e filhas. Também a análise das brincadeiras, algumas francamente femininas ou masculinas, não incorporam a dimensão do brincar na construção das identidades sociais e culturais de cada um dos sexos, o que, numa sociedade capitalista industrial nascente, pode oferecer mais elementos para se refletir sobre o passado, pensar o presente e projetar o futuro.

Estes acidentes de percurso oferecem frutíferos pontos de retomada para novos estudos que, somados aos objetivos que as autoras se propuseram e cumpriram, conferem a *Memória e Brincadeiras* a posição de uma pesquisa tão indispensável quanto são todos os estudos que, nas palavras de Benjamin, se dedicam "a escovar a história no contrapelo", para que não percamos a parte da história construída diariamente, na luta cotidiana, "sem distinguirmos entre grandes e pequenos".

Edith S.P. Piza

PRENDAS E ANTIPRENDAS: uma escola de mulheres
GUACIRA LOPES LOURO
Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1987

Fazer resenha de um livro cujo sucesso está estampado nas vitrines de todas as livrarias já conta de saída com a simpatia do leitor. Pouca coisa é preciso que se diga. É muito mais o livro resenhado que faz a apresentação do

autor da resenha. Há uma certa vaidade em dizer: eu li, gostei (ou não) e aqui até me pedem e me dão espaço para falar dele. É fácil. No entanto coisa diferente acontece com outros, sem que isso tenha qualquer relação com a qualidade da obra em apreço. Tal é o caso do livro de Guacira Louro.



E tal caso nos leva a algumas considerações. Mesmo que em uma resenha se deva apenas falar do livro, vale a pena pensar em torno dele. Apresentemo-lo sucintamente,